

JM

A loucura foi o mote da conversa do FLM, que já tem tema para 2018

Impacto da tecnologia domina encerramento

Adam Johnson e Miguel Sousa Tavares revelaram as suas preocupações pelas consequências do excesso de informação.

LITERATURA

Sofia Lacerda

sofialacerda@jornaldamadeira.pt

O impacto que a tecnologia tem na vida das pessoas e a importância da literatura para combater a loucura foram as tónicas da sessão de encerramento da edição 2017 do Festival Literário da Madeira, ontem.

O norte-americano Adam Johnson, vencedor do prémio Pulitzer 2013, e o autor e jornalista Miguel Sousa Tavares, estiveram à conversa com Paulo Moura, que os desafiou a comentarem a influência que a Internet tem na literatura.

O escritor de "Vida Roubada", obra ficcionada que tem como pano de fundo a Coreia do Norte, foi acutilante nas suas preocupações sobre o uso excessivo do telemóvel em cidades asiáticas como Seul ou Tóquio. «No metro,

vejo a totalidade das pessoas a olhar para os telemóveis, não há jornais, nem livros abertos. E, no comboio, ninguém fala com ninguém. A tecnologia é algo que me assusta profundamente, pela forma como afeta a narrativa», disse.

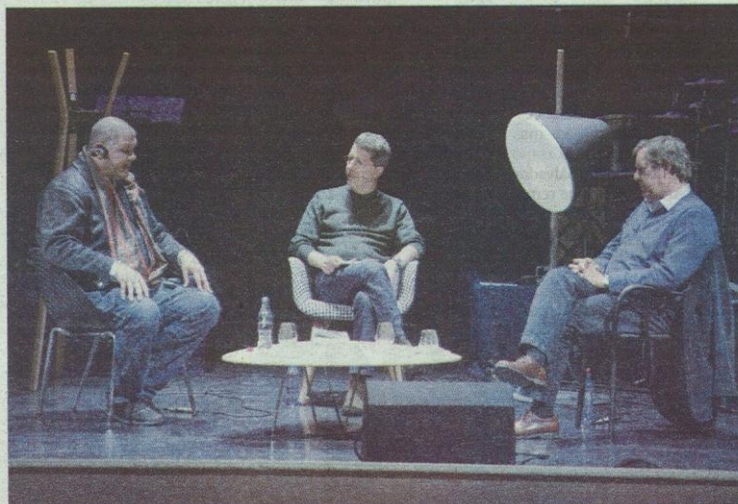
Por seu turno, o autor de "Equador" considerou que «nós escrevemos para dar às pessoas testemunho de coisas que vivemos e para lhes dar sonhos, para ficcionarmos uma vida que não existe». Assim, frisou que, «hoje em dia, quando eu olho para a oferta alternativa que existe, o testemunho é indiferente, porque nós temos tanto excesso de informação, que faz com que nunca tanta gente tenha sabido tão pouco sobre tantas coisas», lamentou.

Nesse contexto, Adam Johnson reforçou que o entretenimento permite que as pessoas «não pensem nas coisas», quando chegam a casa depois de um dia complicado no trabalho e vão assistir a uma partida de

futebol. Isso, ao contrário da literatura, «que nos vai desafiar, perturbar, assombrar e até deixar mais irritados do que quando começámos». Crítico, sustentou que, em seu entender, «a Internet parece-me uma grande biblioteca, na qual podemos perder-nos, e onde nunca encontrei um bom livro».

A conversa também respondeu ao tema lançado, "A loucura não é loucura quando partilhada", com o escritor e jornalista português a defender que «a literatura, como qualquer arte, ordena o caos, traz ordem ao mundo. E por isso é que nós precisamos de arte». Nesse sentido, exemplificou que uma pintura do expressionista Pollock pode ser um caos ordenado, que faz pensar e imaginar. «E isso é uma defesa contra a loucura», rematou.

No fim da conversa, a organização anunciou que "Literatura e jornalismo" será o tema do próximo FLM, ainda sem data definida. JM



Os escritores Adam Johnson e Miguel Sousa Tavares estiveram à conversa com Paulo Moura.